AS ORGANIZAÇÕES FRANCESAS DE JUVENTUDE E A POLÍTICA

ALINE CONTROT

Centro Nacional de Pesquisas Científicas
Instituto de Estudos Políticos
Universidade de Paris

Os primeiros movimentos franceses de juventude são hoje centenários; mais numerosos, porém, os que nasceram e se desenvolveram no intervalo de vinte anos que separa as duas guerras mundiais. Desde então coexistem organizações políticas de juventude e movimentos de caráter educativo: suas respectivas preocupações, as relações entre os tipos de organização, suas posições em face da política, variaram de tal modo que se pode distinguir, grosso modo, três fases dessa evolução: A primeira termina com a guerra: as agremiações políticas de juventude e os movimentos educativos se ignoram e aos últimos, ocupados em tarefas educativas, apostólicas, sociais e mesmo cívicas, repugna qualquer ação política. Sob o govêrno de Vichy e na Resistência, devido a circunstâncias excepcionais e às graves opções decorrentes, as organizações de juventude iniciam trabalho conjunto, a serviço da comunidade nacional (ajuda aos refugiados, proteção aos jovens desempregados e jovens separados de suas famílias, colônias de férias etc.) opõem frente comum aos riscos de "juventude única" e marcham para recíproca estima, independentemente de credos ideológicos ou políticos.

De logo sucumbe a euforia da Libertação e com ela a ilusão de que, sem mais divisões entre jovens franceses,

juventudes políticas e movimentos educativos, cristãos e leigos, comunistas ou não, poderiam operar juntos. Êste terceiro período, entretanto, que se estende até nossos dias, caracteriza-se pela consciência generalizada das obras que correspondem às necessidades da nova geração e lhe preparam o advento na sociedade adulta com a participação crescente de movimentos educativos na vida pública, para não dizer política, e a evolução das formações de juventude que se valem de alguns centros de interêsse senão mesmo de métodos dos movimentos educativcos .

Essa progressão convergente, bem como a importância alcançada pelos movimentos educativos, nos impede de excluí-los do campo de nossa reflexão, embora não sejam êles por natureza políticos; daí o título dêste relatório "As Organizações Francesas de Juventude e a Política", mais conforme à realidade do que o estudo limitado de associações exclusivamente política.

Tal análise envolve, certamente, problemas de método: problemas de documentação em primeiro lugar. Trabalhos sôbre agremiações de juventude são extremamente raros e fragmentários; preciso se torna recorrer algumas vêzes a fontes primárias (publicações dos movimentos, programa de congressos, artigos de imprensa etc...) ou à nossa experiência pessoal sem esconder as lacunas de nossa informação. Mais do que uma síntese global, busca esta exposição provocar pesquisas ulteriores, confrontos, suscitar mesmo contradição. Questão de escolha também: estudo tão breve não pode expor tudo, tudo demonstrar. Cumpre destacar certos temas, escolher exemplos significativos, apontar, em resumo, o sentido de uma evolução, sob pena de omitir tôdas as provas que se devem esperar de trabalho científico.

Êste exame se limita ao caso francês, sem pretensão comparativa, e à situação imediatamente contemporânea. Diz respeito aos movimentos de adolescentes e de moços de quatorze a vinte e cinco anos aproximadamente, excluídos os movimentos de crianças e instituições para jovens

(clubes esportivos, casas de jovens etc.) que não se propõem, como aquêles, à representação da juventude.

Assim delimitado nosso campo reflexão, permanece todavia ainda bastante amplo devido à multiplicidade das organizações de juventude e ao aspecto multiforme de sua ação. Preciso se faz, de início, proceder ao recenseamento e à descrição dos principais grêmios: depois estudaremos seu método de ação política e sua orientação. Examinaremos após sua relação com os partidos políticos, com o Estado e certas fôrças adultas, no plano nacional e internacional, antes de tentar, por fim, avaliar sua influência na vida política francesa.

1.º) — *Principais organizações francesas de juventude*

Podem ser elas classificadas sob três títulos:

Movimentos educativos (Ação católica especializada, Aliança de equipes unionista e YMCA protestante, escotismo, etc...);

— Sindicatos de jovens (União Nacional de Estudantes de França e Federação Nacional de Estudantes de França, Centro Nacional dos Jovens Agricultores, secções jovens dos sindicatos operários);

— Organizações políticas de Juventude (Juventude comunista, juventude socialista, jovens radicais, jovens do MRP jovens da UNR etc...). É claro que certos grupos se titulam nessas categorias e buscam para sí uma família política sem todavia se engajarem num partido ao mesmo tempo que se votam a movimentos de juventude e de educação popular. É o caso particular dos "Foyers Léo Legrand", dos jovens da esquerda européia, de inspiração socialista, e das Novas Equipes internacionais próximas da democracia cristã.

Essas três categorias apresentam certo número de caracteres comuns:

Primeiro, tendência à especialização conforme critérios sócio-profissionais (com exceção do escotismo, dos Foyers Léo Legrand e de alguns outros), seja quando centros distintos se dirigem a meios diversos: Juventude operária católica, Movimento rural da juventude católica, União dos estudantes comunistas; seja quando existem no seio dos mesmos agrupamentos ramos especializados.

Segundo, propensão à mistura, seja quando rapazes e môças colaboram e se encontram para atividades comuns, embora pertencendo a ajuntamentos diferentes, caso particular das organizações católicas e comunistas; seja quando pertencem ao mesmo grupo, caso dos sindicatos jovens, da maioria das organizações políticas e de certos movimentos educativos: Instrutores israelitas e Instrutores de França.

Esta inclinação à união se manifesta já há alguns anos e várias agremiações de escotismo então em vias de fundir-se atualmente a fim de permitir a criação de movimentos mistos.

Cabe, além disso, observar o aumento do número de postos ocupados por mulheres. A direção do Conselho Francês dos Movimentos de Juventude foi exercido durante cinco anos por uma presidenta e nos dias de hoje duas presidentas ocupam a Secretaria. A participação feminina, todavia, está ainda em relação de inferioridade quanto à masculina: as associações femininas agrupam número menor de aderentes e raramente se concedem cargos de responsabilidade a môças; uma única jovem participava da secretaria da União Nacional dos Estudantes; as últimas eleições levaram ao poder sòmente rapazes. Jamais soubemos de presidentes de sindicato jovem, ou dirigente de grêmio político juvenil, do sexo feminino. Essa situação demonstra a resistência da sociedade francesa, no seu conjunto, ao acesso das mulheres a cargos de responsabilidades política, bem como o escasso interêsse das últimas pelo assunto. Conta-se, com efeito, duas mulheres em três que nunca lêm jornal. A geração jovem encontra-se ainda

marcada pelo pêso dessa tradição malgrado os sinais de evolução que assinalamos.

Terceira característica comum à maioria das organizações de juventude é a adesão a uma ideologia ou a uma fé religiosa, a um sistema de explicação do mundo. Essa referência pode ser explícita e proclamada bem alto, caso dos centros confessionais comunistas ou daqueles que buscam o socialismo democrático. Outros, como os jovens do MRP ou o Centro Nacional dos Jovens Agricultores, partilham a concepção do mundo e das associações de cristãos, embora sejam êles não confessionais.

Parece que a União dos Estudantes de França e os Instrutores de França fogem a essa regra, ainda que para os últimos o ideal leigo constitua verdadeira ideologia.

Organismos políticos, sindicais ou educativos, agrupam fração da juventude francesa: torna-se difícil fornecer a respeito indicações precisas.

Certos movimentos, e os mais importantes, não se preocupam em arrolar seus participantes, de exigir pagamento de cota ou de fornecer caderneta de membro, recenseiam apenas os militantes animadores das atividades de massa. É o que acontece com o Movimento Rural de Juventude Católica que, por intermédio de algumas dezenas de milhares de militantes, alcança algumas vêzes centenas de milhares de jovens. Outros, como os grupos políticos de efetivos bastante fracos, adotam hábitos dos partidos adultos e ocultam o total de seu adeptos.

Por fim, a grande mobilidade dos jovens no seio de cada instituição torna qualquer esfôrço de contagem bastante aleatório.

O escotismo deve agrupar cêrca de 350.000 jovens aí compreendidos os menores de quatorze anos; a ação católica especializada, aproximadamente 500.000; os movimentos protestantes, algumas dezenas de milhar; a UNEF 100.000; a União da Juventude Comunista, provàvelmente de 20 a 30.000; outras juventudes políticas

com totais bem menores, geralmente alguns milhares no máximo. Quanto à UNR não se preocupou ela até aqui em coordenar sua atividade juvenil. Nas assembléias de Nice, em 1963, é que se decidiu computar os jovens da UNR no plano nacional e colocá-los no nível de tôdas as uniões departamentais. É cêdo ainda para julgar o sucesso dessa iniciativa.

Pode estimar-se em cêrca de um milhão e meio os jovens que participam realmente de movimentos de juventude, com exclusão dos jovens de sindicatos operários, incorporados ao sindicato adulto, e que não são recenseados a parte.

A preponderância dos movimentos apolíticos é numèricamente espantosa e alguns índices citados precedentemente o provam.

Assim como os partidos políticos jamais reuniram soma considerável de adeptos, salvo em circunstâncias excepcionais e durante breve período, também as juventudes políticas nunca atrairam grande número de moços. Os estudantes mesmo, que constituiam antes da guerra parte importante de seu conjunto, se voltam, de bom grado, para o sindicato estudantil, porta-voz de sua revindicação corporativa assim como de sua aspiração política.

Tais índices, fracos como valôres absolutos, devem ser interpretados: Parecem-nos bastante próximos e talvez superiores às cifras de participação adulta num país em que tal cifra é fraca, qualquer que seja o partido, o sindicato, ou o agrupamento considerado.

Por outro lado, a importância de uma agremiação não se mede apenas em têrmos numéricos. Necessário se torna considerar sua capacidade de expressar as aspirações de uma geração e respondê-la, sua fôrça de intervenção e de contestação perante o exterior, o conteúdo da ação militante por ela proposta. A relevância das organizações de juventude na sociedade francesa está longe de ser negligenciada: são elas as únicas a assegurar educação à juven-

tude, a oferecer-lhe ocasiões de colaboração e de ação, a constituir enfim no país os interlocutores em matéria de política de juventude.

Político o objeto de nosso estudo, cabe indagar da possibilidade de classificar êsses movimentos, não mais em função de sua importância numérica, mas do seu grau de politização. A resposta não é simples: se considerarmos as motivações dos jovens é certo que aquêles que se dirigem para agrupamentos políticos agem determinados por considerações políticas que escapam completamente, pelo mentos de caráter educativo. Não se deve, entretanto, subestimar, mesmo no caso das juventudes políticas, o papel de múltiplos fatôres, como o convívio de grupos simpatizantes, de amizades, de ocasiões de lazer ou de busca de responsabilidades. Parece mesmo que tais fatôres adquirem crescente importância desde alguns anos e tendem a tornar-se o denominador comum entre os jovens, qualquer que seja a natureza da organização escolhida.

Examinando já agora, não mais a motivação dos moços, mas o *conteúdo das atividades* que lhes são propostas, verificamos a evolução convergente dos movimentos tanto educativos como políticos; os movimentos educativos tomaram consciência do papel relevante que estavam destinados a representar na vida do país; sua preocupação específica, apostolar, educativa, cultural, não exclui a informação e mesmo a ação em prol dos grandes problemas da atualidade. Os temas abordados nas sessões nacionais do Conselho Francês dos Movimentos de Juventude em 1962 mostram esse nôvo estado de coisas: a democracia, a disposição do território, a posição dos jovens na nação foram sucessivamente tratados por quinhentos dirigentes nacionais e regionais, dos membros do Conselho; multiplicam-se os exemplos de pesquisas anuais, congressos, artigos que testemunham êsse acesso às questões da atualidade.

De igual modo os movimentos políticos de juventude reservam à informação maior proeminência do que dantes raiando algumas vêzes até a polêmica; criam atividades

de lazer e abordam problemas políticos relativos às preocupações e reivindicações dos jovens. O mensário *Clarté*, dos estudantes comunistas, publica grandes inquéritos: Argélia ano zero, o Mercado Comum, a guerra moderna e os *piedsnoirs* na França; dedica-se, porém, à apreciação de problemas estudantís específicos: reforma do estudo médico, como o estudante pode ganhar sua vida, e não exclui mesmo problemas sentimentais e femininos: nova educação sentimental, casais estudantes, maquiagem da estudante...

Também as Jornadas do Futuro (10-11 de fevereiro de 1964) que reúnem cêrca de 800 jovens na região parisiense são anunciadas por *Nous garçons et les filles*, jornal de massa da Juventude Comunista, nos seguintes têrmos:

"O Movimento de Juventude Comunista tem por finalidade dar aos jovens meios de se ocupar, êles próprios, conscientes e ativamente, de tudo que lhes concerne. Tal é o objetivo das *Journées de l'Avenir*. Preparam-se reuniões para cultivar a alegria da convivência, das relações, da conversa, da troca de idéias e do divertimento em conjunto. Estão assim previstos no programa uma *jam session* poética, e um *surprise party*. Dentre os grandes temas propostos à discussão podemos citar:

"Contribuição para desenvolvimento da amizade entre moços de tôdas as nações e para a luta pela paz, pugna pelo exercício de ofício, pela instrução, melhores condições de vida e de estudos, exigência de lazêres sadios, equipamentos esportivos, repúblicas de jovens"....

Verificamos, pois, que movimento de juventude, de qualquer natureza, possuem centros de interêsse e métodos de educação comuns. Tais similitudes se explicam pela necessidade de responder aos gostos e aspirações de uma geração cônscia de suas próprias demandas e do papel relevante que lhe cabe desempenhar na vida da nação.

Não é menos verdade que as juventudes políticas, na sua quase totalidade, estejam prontas a exercer funções

políticas; a ciência dessa capacidade deve-se muito mais aos militantes dos movimentos de juventude do que aos seus participantes.

A fôrça da influência nas decisões políticas representa o terceiro critério para medir o grau de participação política das organizações de juventude. Tal critério não é de aplicação fácil; como avaliar por exemplo a eficácia da atividade da União Nacional dos Estudantes de França na sua campanha, ao lado de outros, em favor da paz na Argélia, ou o êxito dos esforços a fim de alertar o país sôbre a crise da Universidade Francesa?

Exercem, sobretudo, as juventudes políticas ação de *participação* ou de contestação no seio e através do partido adulto ao qual estão ligadas, enquanto os movimentos educativos têm por interlocutores diretos os podêres públicos e o govêrno; seu contacto com os partidos políticos bastante intermitente. Em suma, as diferenças mais notáveis sob o ponto de vista da ação política dos movimentos, provêm da diversidade de *natureza*. Os movimentos educativos de juventude, fiéis aos objetivos perseguidos, buscam a educação política de seus membros; prepará-los para assumir posteriormente compromissos pessoais, respeitando a liberdade política de escolha de cada qual. Certo que não lhes repugna determinadas ações políticas na defesa do futuro dos jovens (problemas de disposição de território, promoção social etc. . .) ou quando valôres morais ou sociais estão ameaçados (noções contra a tortura e em prol da paz na Argélia). Doutros domínios, entretanto, lhes são interditos: atuação na campanha eleitoral, presidencial etc.), enquanto as juventudes políticas encontram nessas circunstâncias ocasião normal de educação e ação.

2.º *Modalidades de ação política das organizações de Juventude*:

Procuramos examinar formas de intervenção da juventude francesa na vida política muito mais do que es-

tudar posições políticas por elas defendidas. Com efeito, a conduta das organizações de juventude política se identifica de certo modo com a do partido político adulto ao qual se vinculam. Não surpreende a ação ativa das Juventudes Comunistas no Movimento em defesa da Paz, em 1950, a convocação de seus membros da luta pela paz na Argélia. 1955-56, ou os jovens do M.R.P., reafirmarem em 1962, após a saída dos Ministros do M.R.P. do govêrno, sua adesão à construção européia, ao mesmo tempo que o apoio à política argelina do Gal. de Gaulle.

Nada tem de extraordinário, de igual modo, assistir à quase totalidade das organizações de juventude, cada uma com intenções e estilos próprios, denunciar as manobras da O A S; refletem elas a opinião da imensa maioria do país que se manifesta particularmente nas eleições legislativas de novembro de 1962, pela derrota de todos os candidatos de tendência O A S.

Cabe ressaltar que a combinação de fôrças não é idêntica no seio dos centros juvenis e de formações políticas adultas: o partido atualmente majoritário, a UNR, como já dissemos, não se preocupou em reagrupar os jovens da UNR e as Juventudes Comunistas, ativas e bem ordenadas, tem, porém influência inferior à do partido adulto.

As organizações radicais de juventude e as do Centro Nacional dos Independentes inexistem quase, enquanto que as Juventudes Socialistas e os jovens do MRP ocupam lugar de relevância nos debates entre jovens.

A comparação entre os "colóquios socialistas" e aquêles mantidos na mesma ocasião (1.º trimestre de 1964) pelas "Novas Gerações" torna-se igualmente significativa: os primeiros coligavam com a SFIO e os socialistas dissidentes, alguns grupos e personalidades da Confederação Francesa dos Trabalhadores Cristãos e do Centro Nacional dos Jovens Agricultores (de inspiração cristã); a Fôrça Operária central e os sindicatos de docentes (Federação

Nacional de Educação e Sindicato Nacional de Instrutores) não compareceram pois que recusaram reencontrar-se com os cristãos, ainda que êstes afetassem opiniões de esquerda e se intitulassem membros da "família socialista". O colóquio das Jovens Gerações encerra tendências muito diversas, desde representantes da União dos Estudantes Comunistas até jovens do MRP e membros da Juventude Católica Estudantil. O paralelo entre os dois tipos de reunião não pode ser levado mais longe; note-se que o diálogo fica mais fácil entre jovens de formações diversas e mesmo antagônicas do que entre adultos de ideais iguais. Mais fácil se apresenta abordar o debate sôbre a questão escolar, para não citar senão êsse exemplo, perante auditório jovem que almeja repudiar as querelas do passado, do que auditório adulto. Verificamos de nôvo nessa altura, aquilo que já anteriormente afirmáramos: a jovem geração tem consciência da necessidade de defender seus intrêsses comuns (futuro profissional, participação na política) e concilia dêsse modo os motivos de divergência.

a) *estratégia das organizações de juventude* — a disposição à coordenação e a ação em conjunto constitui o traço mais marcante dessa estratégia, na espectativa de constituir uma frente comum na defesa de certas causas e alcançar muito mais a opinião pública, através diligências ou declarações comuns, do que por meio de múltiplas asserções de associações de escassa notoriedade. Criaram-se, assim, organismos de coordenação que agrupam os movimentos de acôrdo com as afinidades ideológicas ou, ao contrário, unem ajuntamentos que tem em comum apenas a vocação educativa e se encontram muito divididas no plano ideológico. O GEEOJEP (Grupo de Estudo e de Encontro das Organizações de Juventude e Educação Popular) pertence a esta segunda categoria. Criado pela iniciativa principalmente da UNEF e dos movimentos confessionais logo após o advento da República, congraça a maciça maioria das organizações de juventude. Decorridos alguns meses as organizações políticas de juventude foram excluídas

pois que suas discussões impediam o funcionamento do organismo. Nos dias atuais, surgem sérias tensões entre o setor leigo e o confessional; a influência política se exerce, de modo difuso, através opiniões pessoais de representantes diversos e por intermédio de organizações para-políticas de esquerda. O GEEOJEP pode ser considerado organismo de esquerda, razoàvelmente anti-governamental, cuja ascendência se torna difícil avaliar. Provou sua capacidade de oposição às medidas governamentais; é muito mais terreno de fermentação de certas idéias do que lugar de ação. Alguns movimentos políticos de juventude (PSU, Socialistas, MRP) se encontram com outros não políticos no seio da Comissão de Conexão das Organizações de Juventude Democrática (CLODJ) que nada mais é senão mesa-redonda. A presença dos jovens do MRP nesse organismo, ao lado de movimentos socialistas, indica que se situam mais à esquerda do que o partido adulto.

Finalmente, em setor diverso, o Conselho francês dos movimentos de juventude agrupa movimentos não políticos de tendência espiritualista. Não exercem ação política direta, tem, porém, muito mais estrutura do que os organismos citados anteriormente. A recente lei "Feriados da Juventude" que concede uma semana suplementar de férias aos jovens trabalhadores que desejam seguir curso de formação, deve bastante aos estudos e providências do Conselho Francês.

A composição dêsses múltiplos grupos mostram o propósito dos movimentos educativos de se aliar, independentemente de penetração comunista. Assiste-se hoje à intensidade do diálogo entre movimentos educativos e políticos, em face do progresso já assinalado de uns e outros, e também da oposição persistente entre leigos e confessionais que leva êstes últimos a indagar se as juventudes políticas não são interlocutoras mais cooperantes do que a poderosa Liga de Ensino e agremiação dêle dependentes.

Parece enfraquecida a ação política direta das organizações de juventude por fôrça de sua diversidade, de suas divisões e também da insuficiência de recursos. Os problemas relativos à juventude adquiriram, entretanto, nos dias atuais, tamanha importância, graças à expansão demográfica, e os partidos políticos encontram-se tão empenhados em obter aliados "na fôrça viva" da nação, que essas organizações são constantemente consultadas e conseguem algumas vêzes que os partidos políticos e mesmo os podêres públicos apreciem suas sugestões. Muito mais do que na política no sentido clássico do têrmo, isto é na competição do poder, sua influência se faz notar nos assuntos relativos a política da juventude (futuro profissional, reforma do serviço militar, equipamentos sociais para os jovens). A estratégia das organizações de juventude e sua ação política não podem definir-se por elas mesmas: importa que essas organizações tenham interlocutores aliados ou adversários. Devemos examinar os vínculos das organizações de juventude com seus principais interlocutores: o Estado, os partidos políticos adultos e as organizações internacionais.

b) *os interlocutores das organizações de juventude* — as relações com o Estado são sobretudo o negócio de organizações não políticas: são elas as únicas a beneficiar-se de auxílio financeiro do Estado e prestações *in natura* (viagens a preço reduzido, empréstimo de material etc.) e a representar a juventude em elevado número de instâncias oficiais. Inversamente os centros de juventude políticas nem são ajudados pelo Estado nem por êle considerados como interlocutores em matéria de juventude. Explica-se a situação tanto por consideração de fato, quanto de doutrina. Em doutrina estima o Estado dever sustentar empreendimentos de ordem educativa que preenchem funções de interêsse geral desde que se trate de atividades ao ar livre, culturais ou que visem a formação profissional. Os movimentos políticos de juventude, por outro lado,

exercem nesse sentido ação facciosa, livre de desenvolver-se dentro do quadro da legalidade, mas que não desempenha funções de interêsse geral que justifique subsídio financeiro. Com efeito, o tardio reconhecimento oficial dos partidos políticos (mencionados pela primeira vez na constituição de 1958), a fraqueza numérica das organizações políticas de juventude, a existência entre elas da União da Juventude Comunista que contesta, pelo menos teòricamente, a legitimidade do poder, a determinação delas de conservar sua total independência, contribuem para dar mais consistência àquela posição teórica.

Em regra geral, não parece que o Estado tenha tentado pressionar associações juvenis como contrapartida das vantagens financeiras que lhes haja concedido; o contrôle que ora se exerce é extremamente liberal. De nosso conhecimento, um só caso, o da União Nacional dos Estudantes de França (UNEF) do qual se cancelou a subvenção de funcionamento, como sanção de suas atitudes quando da guerra da Argélia, testemunha a intervenção do Estado nos negócios internos de uma organização de juventude; diversamente do que acontece em países estrangeiros, os movimentos de juventude francesas se julgam melhor protegidos de qualquer predominância exterior quando recebem fundos do Estado, "o dinheiro de todos" produto dos impostos; daí porque hesitam êles solicitar auxílios de firmas privadas, receosos de parecer ligados a tal ou qual forma de capitalismo. O montante das subvenções oficiais é publicado todos os anos e objeto algumas vêzes de interpelação do Parlamento.

O diálogo das organizações de juventude com os podêres públicos estabelece-se dentro de organismos oficiais criados pela IV ou V República, dos quais o mais importante é o Alto Comité da Juventude, nascido em 1956, no govêrno de Edgar Faure e renovado em 1958. Compõe-se êle de representantes das principais organizações de juventude nomeados por decreto (a UNEF faz parte dêle, apesar de suas dificuldades com o govêrno), e de delegados dos diversos ministérios sob a presidência do Primeiro-

Ministro. O Alto Comité se propõe ser lugar de encontro, gabinete de reflexão, onde se elabora política de juventude, nascida do contato de concepções diversas e um elemento de união; seu caráter interministerial lhe permite harmonizar a ação de múltiplas administrações sôbre projetos que interessam a juventude e de consolidar as respectivas conclusões.

Essa organização é importante qualquer juízo que se faça sôbre a eficiência de seu funcionamento, porque implica no reconhecimento oficial do papel desempenhado pelos movimentos de juventude na nação; de outra parte, a circunstância de que todos os ministérios incumbidos de conhecer, por qualquer título, questões referentes à juventude alí tinham assento, importa na conseqüência de que os podêres públicos reconheçam, segundo a forma preferida dos movimentos de juventude, "que não há problemas de jovens, mas aspectos jovens de problemas gerais da nação."

Algumas organizações de juventude são igualmente membros de várias comissões como a Comissão da República Francesa na UNESCO, a Comissão do Exército da Juventude etc... e organismos mistos (movimentos de juventude, podêres públicos) como o Conselho de Administração da Comissão Franco Alemã, COJEDEP encarregada de planejar as transferências por motivos educativos de jovens etc...

Difícil se torna julgar a orientação e a valia do diálogo entre jovens e podêres públicos. A tendência à consulta por parte das autoridades é fato recente que, paradoxalmente, desenvolveu-se na V República. As organizações de juventude são sensíveis às ocasiões de participação e entendimento; ao mesmo tempo, queixam-se de se acharem contínuamente diante dos fatos consumados. Assim como os sindicatos, temem a integração ao Estado e a perda de sua fôrça de contestação. Pode-se resumir seu ponto de vista, um pouco desabusado, dizendo que jamais

foram elas tão consultadas e tão pouco ouvidas como nos dias de hoje.

Êsses mesmos agrupamentos mantém, de igual modo, ligações com o setor político e em particular com os parlamentares; tais vínculos, porém, são muitas vêzes intermitentes e função de relações pessoais.

Por outro lado, as juventudes políticas têm como interlocutores normais os partidos políticos adultos; é por seu intermédio que podem pretender a eficácia política. Numerosos problemas, que cada partido resolve a sua maneira, surgem da convivência entre jovens e adultos no seio da mesma família política. Estatutos de partido prevêm geralmente a subordinação jurídica dos jovens ao partido adulto e, em caso de litígio grave, tem êste a última palavra. O partido socialista, entre outros, conheceu repetidamente dificuldades com seu grêmio juvenil, com os estudantes em particular, que se aliaram por fôrça de demissões sensacionais e queda dos efetivos do movimento de jovens que recusavam ser reconduzido pela agremiação ao "caminho certo".

Tais discórdias no seio da SFIO parecem apaziguadas atualmente; vale a pena lembrar dois casos: o dos jovens do Movimento Republicano Popular (MRP) e o da União dos Estudantes Comunistas.

Os jovens do MRP constituem pequeno grupo ativ. dentro do partido político hoje pouco numeroso (cêrca de 30.000 participantes e 50 deputados na Assembléia Nacional eleitos em 1962). Vários antigos partidários de movimentos educativos, e em particular de movimento de ação católica especializada (JAC, JEC, JOC), pertencem atualmente aos jovens do MRP e aí desempenham muitas vêzes funções importantes. Dentro de pequena escala, é certamente o partido que melhor resolveu o problema da ação do tipo educativo à do tipo político; pois, em regra geral, os responsáveis pelos movimentos de jovens não se sentem atraídos por formação política alguma; buscam seu caminho muito mais nos clubes, na direção sindical, social

ou profissional. A ausência de conflito entre moços e adultos do MRP explica-se por várias razões. Inicialmente a origem e recrutamento do partido, fundado logo após a guerra e dirigido por homens saídos de movimentos de Ação Católica, que guardavam simpatia e interêsse pelas manifestações de juventude. Em seguida, o conteúdo mesmo do programa do partido e a grande liberdade de expressão e de ação no interior da organização.

Isso permite aos jovens do MRP conduzir, sem luta aberta e sem tensões, política sensìvelmente mais para a "esquerda" do que seus antecessores.

Sente-se essa orientação esquerdista dos jovens do MRP, em comparação com a linha seguida pelo seu próprio partido, nos modos de relação com outras organizações, como também em seus trabalhos (o boletim *Diálogos na cidade nova*) e suas declarações. Para não citar senão exemplo recente, os jovens do MRP são muito mais favoráveis do que seus antecessores à candidatura de G. Deferre à Presidência da República. Depois que o partido publicou declaração bastante reticente em relação ao candidato socialista, a equipe nacional dos jovens do MRP não hesitou em afirmar que êstes se empenham "em manter um candidato único da oposição capaz de congregar todos os democratas. Êsse candidato não será, pois, nem degaulista, nem conservador ou comunista. Tornou-se antiquada a polêmica sôbre a eventualidade de uma frente popular. De nosso conhecimento, aliás, nenhum dos candidatos inscritos reivindicou tal legenda..." (Declaração de 12 de janeiro de 1964).

Ambicionam os jovens do MRP fazer evoluir "do interior" um partido mais acolhedor aos jovens do que os outros e preocupado em manter as numerosas relações com as organizações exteriores, sindicais, profissionais, culturais etc... Encontramo-nos na presença de um esfôrço interessante que busca investigar modalidades novas de cooperação entre um partido político e as "fôrças vivas da nação". A relativa fraqueza do MRP, a regionalização de

sua implantação, seu deslocamento para a direita, condenam-no a não ser, talvez, senão experiência de laboratório.

Bem diverso é o caso das organizações comunistas de juventude. O partido comunista é o único que, desde a Segunda Guerra Mundial, soube preparar organizações de juventude capazes, ainda que por breves períodos, de atrair grande número de jovens. Durante os anos de 1944 a 1947, a UJRF (União da Juventude Republicana Francesa) juntou 300.000 moços. Nos dias atuais, em período de movimento fraco, subsistem quatro organizações que exercem relevante influência apezar de contarem sòmente com algumas dezenas de milhares de aderentes. Seu jornal da massa *Nous les garçons et les filles* imprime mais de 160.000 exemplares. Já há vários mêses a União dos Estudantes Comunistas se choca com o Partido.

Pode dizer-se, em resumo, que as recriminações dos estudantes se fundamentam em três pontos:

— Crítica da condenação apressada das teses chinesas sem que discussões profundas precedessem à "excomunhão".

— Censura ao partido por não estar suficientemente destanilinizado.

— Reivindicação de participação real na definição da linha da agremiação da qual a MEC se recusa servir de simples "correia de transmissão". O último congresso da UEC (março de 1964) foi extremamente agitado. Evocou-se o litígio no 17.º Congresso do PCF (maio de 1964) que procura agora pôr fim à polêmica fundindo as múltiplas organizações comunistas de juventude para fiscalizá-las com maior rigor.

Explica-se a repercussão da polêmica uma vez que os problemas levantados pelos estudantes ultrapassam o quadro de sua organização e ecoam no seio do partido (em particular no que concerne aos métodos de condena-

ção das teses chinêsas); era então inoportuno abafar a disputa tomando simples medidas disciplinares.

Eis porque a discussão se prolonga mais do que de costume e não foi ainda submetida à sanções. Procura-se interpretar a atitude da UEC como manifestação da progressiva importância alcançada pelo conflito de gerações em detrimento da tradicional prioridade outorgada à luta de classes. É certo, em todo o caso, que os estudantes da MEC, que tiveram a consciência política despertada por ocasião da guerra da Argélia, não possuem as mesmas referências políticas e históricas de seus antecessores; sua origem social, mais comumente burguesa, torna-os mais predispostos à solidariedade ao mundo estudantil do que às massas operárias cuja defesa o partido se impôs.

Os estudantes comunistas são, atualmente, estudantes em primeiro lugar e depois comunistas. É cêdo ainda para julgar se sua adesão aos problemas de todos os jovens, aos quais se sentem solidários, contribuirá para a evolução do partido ou para o endurecimento a seu respeito.

Digamos, por não poder examinar mais a fundo os problemas das organizações políticas de juventude, que sua ação se exerce inicialmente no seio do partido e por seu intermédio apesar de freqüentes tensões e rupturas. Inexiste, sem sombra de dúvida, grêmio que não tenha sofrido em um momento ou noutro dificuldades análogas às que lembramos.

Exerce-se sua ação, em segundo lugar, fora da órbita do partido, no encontro com outras organizações de jovens. Demonstrações em pról da cessação das hostilidades na Argélia, *meetings* de solidariedade aos grevistas ou outras manifestações semelhantes congregam moços de diversos horizontes políticos. Contribuiu, com efeito, tal política de frente comum promovida por algumas organizações políticas e pela UNEF, ainda que limitada a operações restritas, a mobilisar, nesses últimos anos, parte da juventude urbana ao menos nos grandes centros, e a

atrair filiados novos para os movimentos organizadores de tais manifestações. Verifica-se paralelamente o renascimento da atividade de organizações de extrema direita, como a dos estudantes nacionalistas e assiste-se à cisão dentro da UNEF, por fôrça de divergências políticas, principalmente sôbre o problema argelino.

Parece presenciar-se nos dias que correm à repetição dessa efervecência e à relativa revisão de cada organização de seus problemas específicos.

O espaço francês não absorve a atividade total das organizações de juventude; já há vários anos, talvez mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, cada uma delas adere a uma internacional congregando todos os movimentos de igual natureza: (escotismo internacional. Juventude operária cristã internacional, *Young's men christian association* etc.) Cabe assinalar dois fatos novos surgidos após a Segunda Guerra Mundial:

A criação da *World Assembly of Youth* (WAY), depois da Federação Mundial das Juventudes Democráticas (FMJD) que busca coligar tôdas as organizações de juventude, qualquer que seja a natureza política, educativa ou sindical e sua filiação ideológica.

O refôrço das ligações no plano europeu.

A França foi membro fundador da WAY onde se fazia representar por um comitê nacional congraçando a maioria dos movimentos do tipo educativo, com exclusão das juventudes políticas. As organizações comunistas de juventude, por seu lado, juntaram-se a FMJD, de inspiração comunista, nascida de ruptura no seio da WAY no início da guerra fria. Em 1958 a França se demitiu da WAY por motivos complexos. Deve-se ver nisso uma conseqüência dos movimentos ligados ao fim da colonização, ainda que o comitê francês se pronunciasse a favor da independência dos povos, uma reprovação da política desenvolvida há vários anos pela WAY, e o resultado de discussões interiores francesas.

Verifica-se, nos dias atuais, na França, a aproximação entre as organizações de tipo educativo (Conselho Francês dos Movimentos de Juventude) e político. (Comitê de Ligação das Organizações Democráticas de Juventude), visando aderir a um comitê de juventude européia, o CENYC, independente da WAY, embora próximo dela. Essa adesão a CENYC pode reparar o reingresso da França na WAY para constituição de um comitê onde seriam representados os movimentos educativos e políticos, diversamente do comitê anterior a 1958; essa transformação sublinha a união dos múltiplos tipos de organização de juventude já citados. Merece atenção, de igual modo, o desenvolvimento das relações no plano europeu. Cabe lembrar, além da criação da CENYC, para a qual a França contribuiu, ainda que não seja membro, o aparecimento, já há alguns anos, de novas estruturas regionais que favorecem à aproximação de pontos de vista e à coordenação dos esforços de organizações irmãs. A última campanha do ano da JOC, por exemplo, relativa à condição dos jovens trabalhadores foi projetada pelo escalão europeu e deve terminar pròximamente por um congresso internacional em Strasbourg.

Intensificou-se realmente o diálogo das organizações de juventude com os serviços competentes das Comunidades européias em Bruxelas ou do Conselho da Europa em Strasbourg. Objeto, outrora, de discussão e mesmo de divisão, a Europa é hoje considerada pelas organizações de juventude não comunistas realidade da qual as jovens gerações não podem se desinteressar.

Assim como em outros países, as atividades internacionais vem se distinguindo há uma dezena de anos, tanto no nível dos estados maiores como na base. Tais questões internacionais são, porém, causa de discussões entre as organizações francesas e a grande divisão ideológica lhes impede muitas vêzes de desenvolver uma ação combinada, já difícil por fôrça de hostilidade à política francesa acêrca dos povos colonizados. Explica-se, então, que o trabalho

mais proeficiente tenha sido realizado no seio das Internacionais especializadas pela natureza dos movimentos (a dos jovens rurais em particular) e que a França desempenhasse papel de segundo plano em tôdas as manifestações mundiais de juventude.

Convém, por fim, aquilatar o lugar real ocupado pelas organizações de juventude na vida política francesa. Faltanos, na maioria dos casos, instrumentos de medida para apreciar a atuação por elas desenvolvida. As organizações de juventude que, na sua imensa maioria, militaram a favor da cessação das hostilidades na Argélia teriam pesado efetivamente na decisão final? Se considerarmos as medidas de alcance mais limitado, como a criação do Alto Comitê da Juventude, ou a adoção pelo Parlamento de uma legislação concedendo os "feriados de formação" aos quadros dos movimentos de juventude, pode dizer-se que a idéia emana dêsses últimos e que foi necessário para que se tornasse realidade a aquiescência, por longo tempo esperada, do poder político. Parece que a eficiência da pressão originária dos movimentos foi limitada; trouxeram, porém, fórmulas que contribuíram para estabelecer o diálogo com os podêres públicos.

Devido a inexistência de estudos preliminares não podemos também apreciar exatamente o papel das organizações de juventude na formação daquêles que, já adultos, participam de cargos de responsabilidade na vida pública. Sabemos sòmente que os dirigentes nacionais do partido comunista, do partido socialista — SFIO e do MRP, desempenharam, noutro tempo, funções importantes nas organizações de juventude; grande número de homens e mulheres que se consagram à tarefas de ordem social, sindical ou política, despertaram para essas preocupações de interêsse geral na passagem pelos movimentos de juventude. A função de "viveiro de plantas" das organizações de juventude não pode assim ser negligenciada.

As organizações de juventude, qualquer que seja sua eficácia política, constituem corpos intermediários que

desempenham seu papel no funcionamento de uma sociedade democrática. Pode considerar-se que elas representam a juventude francesa do mesmo modo que os sindicatos falam em nome dos trabalhadores e os partidos dos cidadãos. Nenhuma dessas organizações reúne na França a totalidade ou mesmo a maioria do público ao qual se dirigem.

Consoante avaliações menos otimistas, os sindicatos de trabalhadores congregam no total cêrca de um quarto de trabalhadores, os partidos políticos apenas um eleitor em quarenta, as organizações de juventude apenas um jovem em sete. Nessas condições, não há razão peculiar para contestar-se a representatividade das organizações de juventude.

Encarnam os movimentos — corporações representativas da juventude — o anelo de responsabilidade e de participação dos jovens na direção da sociedade. Movimentos rurais e estudantis elaboraram, sem dúvida, nêsse domínio e buscaram inscrever na realidade concepção nova do papel dos jovens na sociedade. Estamos longe hoje em dia das associações folclóricas estudantis e o jovem rural, auxiliado por seu movimento, rejeita a tutela dos tradicionalistas em voga e conquista sua posição no sindicato, nas cooperativas ou no Conselho Municipal.

Os problemas de juventude conquistaram foros de cidade na França desde alguns anos por fôrça da pressão demográfica e graças ao fato de constituirem os jovens, cada vez mais, uma clientela potencial, tanto no domínio político, quanto comercial. Esperam as organizações de juventude tirar proveito dessa nova situação ? Parece, pelo contrário, que elas estão mais ameaçadas do que nunca: a juventude solicitada pelos grandes meios de difusão, pela imprensa e pelas disponibilidades comerciais, escolarizada até 16 ou 18 anos, enquadrada por uma rêde de educadores, dependendo cada vez mais dos podêres públicos, encontrará, acaso, amanhã, em si mesma, a determinação de voltar-se para movimentos que não podem viver senão

pela participação desinteressada de seus membros? Serão os jovens amanhã consumidores mais ou menos satisfeitos ou cidadãos ativos? A questão diz respeito ao conjunto da sociedade francesa, porém mais particularmente aos jovens menos independentes e mais vulneráveis.

Progresso ou declínio das organizações de juventude? A resposta, que não pode ser razoàvelmente obtida hoje, deve constituir preocupação legítima, nem só de especialistas dos problemas de juventude, mas também de quantos se interessem pela evolução da sociedade política francesa.